

**VIAGEM AO TÚNEL DO TEMPO: uma experiência teatral da psicologia
comunitária, na cidade do Porto em Portugal**

A JOURNEY TO THE TUNNEL OF TIME: a community psychology theatrical experience in
the city of Porto in Portugal

Maria Sara de Lima Dias¹⁹

Denise de Camargo²⁰

RESUMO

Buscou-se neste relato de experiência, registrar um trabalho comunitário com um grupo de idosos. A metodologia de intervenção adotada foi baseada na linguagem teatral utilizada como um recurso na compreensão das subjetividades. Como estratégias foram desenvolvidas semanalmente oficinas de duas horas de improvisação teatral durante o período de três meses, com um grupo de 40 idosos entre 65 e 90 anos de diferentes graus de escolaridade e situação econômica. Ao oportunizar encontros grupais focalizados na montagem de um espetáculo teatral, a proposta de improvisação foi partir de objetos e dos desdobramentos da memória evocada pelos participantes para a construção de uma história grupal. Os encontros revelaram dificuldades no trabalho grupal com a improvisação, a escolha dos papéis, e principalmente com o aprender a ouvir o outro que geraram conflitos e conquistas intersubjetivas. Observou-se a importância das oficinas como um espaço para fomentar relações interpessoais saudáveis e vínculos afetivos entre os idosos. As intervenções com grupos de idosos devem compreender a importância da diversidade e do processo de aprendizagem ao longo da vida. As experiências subjetivas se transformaram em ação e constituíram um grupo que escolheu a arte como uma alternativa de vida onde a história singular (re)conta uma história coletiva.

PALAVRAS-CHAVE: Memória Coletiva, Psicologia Comunitária, Subjetividade, Teatro Amador, Idosos.

ABSTRACT

This experience report sought to register a community work with a group of seniors. The methodology adopted was based on theatrical language intervention which was used as a resource for understanding the group's subjectivities. As strategies we developed weekly workshops with two hours of theatrical improvisation through the period of three months. The group was made up of 40 elderly patients between 65 and 90 years which

¹⁹ Dra. Maria Sara de Lima Dias (Professora Adjunta da UTFPR, Universidade Federal Tecnológica do Paraná, DAESO, maria.dias@utfpr.edu.br)

²⁰ Dra. Denise de Camargo (Professora Adjunta da UTP, Universidade Tuiuti do Paraná.)

degrees of education and economic status were various. While conducting the group meetings we aimed to create opportunities to participants to create a play based on group improvisation which was proposed with the use of personal objects. The developments of memory evoked by the participants build a group story. Conflicts and intersubjective achievements were generated while working together, especially in improvisation, choice of roles, and listening to each other. We noticed the importance of the workshops as a space to foster healthy interpersonal relationships and emotional bonds among the elderly. Interventions with groups of seniors should incorporate the importance of diversity and the learning process throughout life. The subjective experience they had turned into action and formed a group that chose art as life alternative where natural history (re) account a news story.

KEYWORDS: Collective Memory, Community Psychology, Subjectivity, Amateur Theater, Elderly.

INTRODUÇÃO

Este artigo é um relato de experiência da formação de um grupo de teatro amador com idosos na Cidade do Porto, em Portugal, no qual uma das autoras foi convidada para participar de ações socioculturais por uma comunidade localizada na Freguesia da Foz do Douro. Tal convite surgiu durante um período de quatro meses em que ela esteve desenvolvendo outras atividades junto à equipe da UCP (Universidade Católica do Porto). O objetivo do relato é comunicar a experiência e refletir sobre a importância do teatro no trabalho de intervenção comunitária especialmente para idosos.

Considera-se que no percurso histórico, social, econômico e cultural, a perspectiva sobre o envelhecimento sofreu alterações e a sociedade atual vem criando vários sistemas de segurança social para atender essa população. São infra-estruturas de acolhimento destinadas à construção de apoio social ao crescente número de idosos que decorre do aumento da expectativa de vida das pessoas nos países desenvolvidos. Desta forma, existem em Portugal múltiplas estruturas de acolhimento e atendimento aos idosos: casas dia, associações, comunidades, agremiações, etc. A situação de acolhimento institucional é bem similar entre diferentes países e culturas, onde existem políticas de estado voltadas para ações destinadas a incluir diferentes

identidades.

Não importa o quanto tentemos estender a nossa imaginação, a luta da humanidade por auto-afirmação não parece fácil, muito menos uma conclusão inevitável. Sua tarefa não é apenas repetir mais uma vez um feito realizado muitas vezes ao longo da história da espécie humana: substituir uma identidade mais estrita por outra, mais inclusiva, e afastar a fronteira da exclusão.(Bauman, 2005, p.86).

O desafio enfrentado pelo ideal de humanidade é desenvolver uma comunidade plenamente inclusiva, mas isto ocorre em uma sociedade onde a espécie humana está cada vez mais fragmentada e dividida. A identidade de idoso também é subjetivamente apropriada pelas pessoas com certo estado de alerta e ansiedade.

Nos países ocidentais desenvolvidos é frequente a tendência em resolver o cuidado ao idoso criando espaços onde ele possa encontrar outros indivíduos que enfrentam as mesmas e constantes ameaças a sua integração e participação social. Há uma demanda de acesso a instituições de acolhimento cuja função - além de prover apoio, social, emocional e material - é também criar condições favoráveis ao desenvolvimento de sentimentos de segurança e auto-afirmação pessoal (Bauman, 2005).

Pertencer a uma organização ou instituição de proteção, mais do que um direito ou um dever do Estado é algo subjetivamente apropriado pelo sujeito, tendo como efeito o ato de se apresentar como idoso, que envolve percepções particulares fazendo parte de uma dinâmica do comportamento que introduz mudanças qualitativas em suas relações com os outros. Assim mais do que uma organização que atende pessoas idosas, os abrigos, as casas dias, e as instituições de acolhimento revelam uma realidade social onde subjetividades se transformam e se relacionam ao lugar e as relações. A instituição, sendo uma estrutura social, deve ser vista como o lugar que inclui, “o espaço social, o simbólico (o código, a regra), imaginário (representações e mitos)” (Nasciutti, 2009, p.109). É um espaço de mediação entre a vida individual do idoso relacionada com a vida coletiva, lugar onde se estabelecem práticas sociais.

Considera-se neste aspecto que as dinâmicas das instituições também impõem aos idosos costumes, estabelecem limites e regras, ao mesmo tempo, em que

pretendem garantir seus direitos e proteção integral. Nesses espaços, existem diferentes práticas e atores sociais que trabalham com os idosos e muitas vezes sem estarem sensíveis para considerar aspectos relativos a diferentes singularidades e subjetividades dessas pessoas. Precisa-se considerar que o espaço interior vivenciado pelo idoso, que não corresponde necessariamente ao espaço estrutural onde ele habita, ou que se restringe a instituição que o acolhe, compreende uma identidade de idoso, uma maneira de ser.

Tais instituições procuram dar respostas para uma cultura de compromisso social, em que as referências sobre a comunidade são fundamentais, uma vez que o individualismo é “inimigo das relações comunitárias, é fruto do fetiche da mercadoria, do trabalho alienado e produtor da mais valia” (Sawaia, 2009, p.41).

Os idosos são, via de regra, estigmatizados, principalmente se forem economicamente dependentes. Conforme estudo de Moreira e Nogueira (2008, p.65) “a experiência de envelhecer constitui-se, então, em uma busca por evitar ou adiar o inevitável”. Neste sentido o envelhecer se configura na própria velhice, subjetividade que se apresenta estigmatizada, que nos revela sentidos diferentes dos vivenciados até então. E que apresentam com frequência uma busca de união e coletividade, “para pessoas inseguras, desorientadas e assustadas pela instabilidade e transitoriedade do mundo que habitam, a comunidade parece ser uma alternativa tentadora” (Bauman, 2005, p.68).

A história de vida de cada sujeito se transforma em um contexto configurado por valores sociais que apontam para o ser velho, como um ser desvalorizado. Quanto mais jovens a população de uma determinada região mais o estigma de ser velho se apresenta e a exclusão e o sentimento de abandono são vivenciados.

Portanto, o processo de envelhecer passa a representar uma batalha contínua quanto à aceitação de si mesmo e de sua identidade, em um fluxo onde o “inevitável” é o “indesejável”, ou seja, ninguém quer envelhecer. Existem variações na forma com que esta sociedade pode ou não promover uma visão positiva do envelhecimento. A palavra *idoso*, expressa um sentido pessoal e particular, que contém o significado social sobre o que é, e quem é o idoso. Compreende-se o homem como sendo sócio-

historicamente constituído, levando isso em consideração o significado sobre ser idoso na singularidade do sujeito são de diferentes modos apropriados pelos sujeitos.

O prolongamento do tempo de vida das pessoas tem suscitado inúmeros questionamentos acerca de como estará sendo compreendido o envelhecimento humano dentro das sociedades atuais.

As políticas de proteção social evocam definições de quem são os idosos (segundo a OMS; são pessoas acima de 65 anos), sem considerar muitas vezes as heterogeneidades do subgrupo populacional e nem realizar uma avaliação crítica da relação entre envelhecimento e dependência.

A dependência tem aqui vários sentidos, se refere principalmente ao sentido biológico, da deteriorização da saúde, da incapacidade de movimentos, e também da capacidade de cuidar de si mesmo. Mas a dependência também comporta uma dimensão econômica, no sentido de que o idoso não tem condições de contribuir de maneira produtiva com a sociedade, no sentido que hoje a sociedade capitalista confere ao termo *ser um trabalhador produtivo*. No entanto, no sistema capitalista de produção, o espaço e o tempo têm comprimido os sujeitos dentro de lugares onde de alguma maneira se é permitido ser idoso.

A sociedade mantém padrões de significados que moldam e sustentam a interação humana (Harvey, 2005), neste sentido ser idoso tem repercussões objetivas e subjetivas na vida dos sujeitos e nos seus hábitos e relações. Surge o hábito de ser percebido como idoso, “o habitus é uma capacidade infinita de engendrar produtos, pensamentos, percepções, expressões, ações, cujos limites são fixados pelas condições sociais e socialmente situadas de sua produção” (Bourdieu, 1977, p.95).

Neste processo de envelhecimento ao mesmo tempo as condições de saúde produzem certa dificuldade de acessibilidade implicando em uma cultura de isolamento social. Contexto no qual a identidade, subjetividade e afetividade tornaram-se figuras centrais, mas, paradoxalmente, ao mesmo tempo a sociedade que elege o homem livre como seu valor principal e de fruir ao máximo a vida, a mesma sociedade impede o ato de escolha, ao submetê-lo a uma política de subjetividade homogeneizadora e a uma ordem econômico-política excludente, onde as possibilidades são, apenas, virtuais e

imagéticas. (Sawaia,1999).

Aliado à pobreza, o envelhecimento equivale a uma maior fragilidade humana, a configuração do envelhecimento em populações carentes, forma um quadro social de exclusão. Para Bauman (2005, p.50) "... de acordo com a regra de que provisões para os pobres, os serviços de bem-estar social perderam muito da antiga atração que exerciam". Ainda para Bauman (2005), houve um tempo em que a identidade de uma pessoa era totalmente determinada pelo papel produtivo desempenhado na divisão social do trabalho, quando o Estado garantia durabilidade desse papel, e quanto os sujeitos podiam exigir que as autoridades prestassem contas caso deixassem de cumprir a plena satisfação dos cidadãos.

A importância das instituições de acolhimento evidencia formas de inserção social do idoso que adquirem um significado importante no desenvolvimento de novas atividades que não aquelas voltadas especificamente para o papel produtivo. Uma vez que o ser *não produtivo* passa a representar um ônus muitas vezes para a família do idoso, para o Estado e por extensão à sociedade. Para Sawaia (1999, p.22) "clama-se por comunidade como proteção contra a insegurança e o sofrimento gerados pelo individualismo, pelo relativismo e pela explosão de opções, muitas vezes vividos como insegurança, solidão e dificuldade de relacionamento consigo mesmo e com o outro".

Acolher e assistir aos idosos torna-se cada vez mais uma obrigação do Estado na ausência de obrigações e responsabilidades dos outros significativos e responsáveis pelo idoso, que seriam as pessoas com as quais estes se relacionaram ao longo da vida, amigos ou parentes, pais, irmãos, tios, etc.

Os outros significativos que estabelecem a mediação deste mundo para ele modificam o mundo no curso da mediação. Escolhem aspectos do mundo de acordo com sua própria localização na estrutura social e também em virtude de suas idiossincrasias individuais, cujo fundamento se encontra na biografia de cada um. O mundo social é filtrado para o indivíduo através desta dupla seletividade. (BERGER; LUCKMANN, 1973, p. 176).

Vivenciando um cotidiano que tem encurtado o tempo e o espaço para as relações pessoais, a população idosa é particularmente vulnerável.

Feridos pela experiência do abandono, homens e mulheres desta nossa época suspeitam ser peões no jogo de alguém, desprotegidos dos movimentos feitos pelos grandes jogadores e facilmente renegados e destinados à pilha de lixo quando estes acharem que eles não dão mais lucro.(Bauman, 2005, p.53).

Por outro lado, o aumento de esperança de vida constitui um dos indicadores de desenvolvimento humano mais significativo da nossa contemporaneidade. Considera-se que este indicador é de suma importância também para os países em desenvolvimento como no caso do Brasil. A pesquisa Síntese de Indicadores Sociais de 2010, divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), revelou que em 2009 a esperança média de vida ao nascer no Brasil era de 73,1 anos. O envelhecimento da população constitui um deslocamento das pessoas de sua via ativa na cotidianidade, para um espaço social que significa muitas vezes o isolamento dos sujeitos.

O alargamento do número de pessoas idosas em todo o mundo tem por um lado preocupado as políticas públicas de segurança social e por outro representa um valor precioso em termos sociais, em função dos saberes, tradições e valores para as novas gerações. A aceitação deste pressuposto de natureza antropológica conduz-nos a uma visão positiva sobre o envelhecimento e sobre as pessoas idosas, apoiada no reconhecimento das suas próprias capacidades para fazer face ao risco e às oportunidades do cotidiano.

Questões metodológicas

Uma das questões que se coloca ao psicólogo social que trabalha em comunidades é saber de que forma abordar o grupo. Que procedimentos adotar no sentido de estabelecimento de novas relações necessárias para o trabalho grupal. Cumpre questionar ao psicólogo se a demanda identificada de trabalho corresponde a um interesse coletivo de participação. Questionamentos que nos remetem ainda a outros, como, quando e por que abordar um grupo e como propiciar a este grupo um trabalho de criação coletiva.

A dimensão do acolhimento do grupo por aquele que se pretende facilitador e mediador da formação grupal compreende um constante desafio, o de ser aceito e de conseguir se integrar ao mesmo. A constituição de um grupo de idosos é uma experiência rica pela sua diversidade. A possibilidade de expressão, o direito a ouvir e ser ouvido, cria a cada um a oportunidade de conhecer e se reconhecer como elemento do grupo. E a palavra é o instrumento fundamental nas relações que se estabelecem nesse momento inicial de constituição do grupo. A significação e os sentidos produzidos pelas *palavras do outro*, palavras essas sempre e necessariamente produzidas por e marcadas pelas características das relações sociais, de que emerge o sujeito (Pino, 2000).

No trabalho relatado aqui a variedade de faixas etárias (dos 65 aos 90 anos), de graus de escolaridade (de analfabetos a graduados) e de recursos financeiros, entre os quarenta idosos que compunham o grupo da Freguesia da Foz do Douro, constituiu um desafio a mais na formação do grupo. A Freguesia, assim chamado o bairro, pretendia, através de reuniões de idosos garantir a todos, os mecanismos de participação social e comunitária. Assim, as pessoas que responderam ao convite não foram reunidas pelo acaso mas, pelas vivências e experiências em torno do espaço, território, denominado Foz do Douro, e por suas necessidades de participação social.

É necessário para o psicólogo conhecer o entorno e formar uma referência sobre quem são as pessoas que fazem parte do grupo e como vivem seus cotidianos, que tipo de sentimentos e relacionamentos mantêm entre si. “Precisamos de relacionamentos, e de relacionamentos em que possamos servir para alguma coisa, relacionamentos aos quais possamos referir-nos no intuito de definirmos a nós mesmos” (Bauman, 2005, p.75).

A possibilidade de conhecer a realidade local e de estabelecer alguma proximidade com os elementos do grupo se efetivou pelo convite, feito pela Freguesia, para a realização de uma peça teatral. Tal peça significava um desejo coletivo de grande parte dos idosos daquela localidade e, ao mesmo tempo, representava a aprendizagem de uma vivência coletiva, de constituir e fazer parte de um grupo.

Questionou-se a possibilidade de fazer teatro na comunidade como um conjunto

de intenções ricas em si mesmas, mas cuja influência concreta nas práticas e na vida cotidiana com o grupo de idosos ainda se afigurava como pouco visível. Frente à preocupação em definir ou identificar uma ferramenta de trabalho para o psicólogo social comunitário, a possibilidade do teatro e o desejo do grupo ultrapassaram tais questões traçadas e é preciso falar sobre elas.

A utilização do teatro como processo de criação coletiva

A Junta da Freguesia da Foz do Douro (corresponde a representação da prefeitura do bairro) identificou o interesse geral pelo teatro entre pessoas de diferentes classes sociais e graus de escolaridade. Pode-se considerar que havia um grupo mais ou menos constituído em um sentido claro de localização, de território, local de moradia e onde as pessoas estabelecem e mantêm relações de vizinhanças.

Por intermédio da Assistente Social, agendou-se um primeiro encontro com o objetivo de conhecer melhor o alcance das expectativas de todos os presentes sobre o interesse em participarem de uma experiência de teatro.

Uma característica notável foi o interesse intenso sobre quem os iria conduzir nessa aventura grupal. Quem era a pessoa estrangeira que estava se propondo a conduzir os encontros, quais eram suas intenções. Algumas pessoas declararam ser um interesse sempre presente em suas vidas o fazer teatro. Outras se restringiam a concordar que poderia talvez ser uma boa ideia para unir o grupo.

A fala das pessoas foi reveladora das suas concepções sobre ser idoso, e de poder ou não participar de algo que para eles configurava-se como uma aventura. Ficou claro que, reconhecer-se como idoso, estava sempre presente nas relações que estabeleciam no dia-a-dia. As suas vozes ecoavam frases como: - *Eu não tenho mais idade para isso. – Se você teve e perdeu uma oportunidade não é agora que está velha e feia que vai querer subir ao palco!- Ora cale-se! podemos pensar nisso!- Podemos aprender com ela!*

Observou-se que o interesse era não somente na proposta de montar uma peça teatral, mas na possibilidade de vivenciar o ser outro, representar algo que não ele

mesmo, em seu cotidiano, em sua identidade construída do que é ser idoso. Muitos dos presentes revelaram desejos de escrever uma história de vida e que não podiam, pois tal história era para outra época, para uma juventude que negou a possibilidade de experimentar outras coisas e entre elas a liberdade da possibilidade de acesso ao teatro. Como nestas falas: – *Eu não posso participar mesmo, meu marido não deixa. -O que vão pensar os meus netos!*

Percebeu-se que para formar um grupo, que ainda apresentava-se uma coesão débil, era preciso ser flexível na duração do tempo e do número de encontros. O primeiro encontro tinha um tempo previsto de uma hora de duração, mas foi estendido para duas horas para que todos pudessem falar. O grupo assumiu naquele momento uma tentativa de buscar, no franco sentido do outro, espaço para ouvir e para acolher os problemas de participação que foram detalhados por cada um dos presentes. Entretanto, a escuta, atenta a fala do outro, possibilitou que os aspectos do passado comuns na vida das pessoas aos poucos fossem emergindo.

Assim, para o segundo encontro tinha sido solicitado que cada um trouxesse uma peça de roupa, uma foto ou qualquer objeto de seu passado que lhe fosse significativo. A hipótese era de que qualquer objeto poderia servir como instrumento de mediação para o exercício da construção de uma identidade coletiva. Pode-se observar na exposição dos objetos: toalhas de renda feitas a mão; porcelanas antigas; fotos de jovens na praia; fotos de casamentos; alianças; porta retratos retirados de baús, enfim, muitos objetos diferentes, até mesmo um vestido de noiva. Também, ao longo do encontro, foram compartilhados um conjunto de significados sobre como é a vida do idoso, quais são as principais dificuldades e enfrentamentos diários. A atividade de apresentar em público um objeto de sua vida e falar sobre o significado dele provocou o surgimento de lembranças do passado e a oportunidade de cada um falar um pouco sobre si mesmo. Reconhecimento, admiração e espanto imediatamente surgiram, como evidenciado nas seguintes frases: - *Ah você morava na baixa, eu também! - Conhecia aquela rua no alto da Ribeira, uma casinha amarela, era ali que eu morava!*

O recurso do objeto serviu para quebrar a inibição de alguns dos presentes, que de outra forma não se sentiriam à vontade para falar de si mesmos. É importante

ênfatizar que objetivo do exercício nessa oficina, não era de encenar uma passagem da história ou levar para o palco os personagens em uma trama de um livro pronto, era de escrever uma história conjunta. O olhar para os seus objetos e dos demais, e o ouvir as memórias que se presentificam, permite uma experiência estética. Segundo Zanella (2006), a estética caracteriza-se assim como dimensão fundamental do humano, mas só existe conquanto esse ser humano está em uma perspectiva de relação com o mundo que transcende sua dimensão prático-utilitária.

As estruturas simbólicas, presentes nos objetos, permitiram formar com o grupo uma colagem, flexível no tempo, sem se restringir ao momento presente, mas ênfatizando o local, a paisagem, os costumes e as representações sociais. As idéias que os sujeitos construíram, comunicaram e compartilharam, serviram para transmitir histórias e “progressivamente contribuíram para introduzir novos elementos nas representações, e em última instância transformá-las” (Campos, 2009 p.172). Os novos elementos foram os fragmentos da memória, mitos e histórias locais, revisitados por todos os elementos do grupo. Assim, trabalhar com a arte é permitir uma implicação geral de todos em uma mesma sensibilidade presente. As seguintes falas são exemplos de fragmentos de memória: - *Ah! naquele tempo que era bom, você lembra eu comprava ervilhas no mercado do Bolhão!* - *Eu não, eu passava as tardes de sábado vendo minha mãe limpar a prataria da casa dos patrões! Eu não pude ir a escola, eu só trabalhei a vida inteira !*

A cada um se permitiu expressar universos diferentes e reconhecer a pluralidade das experiências. Ao trabalhar com a representação do objeto trazido ao grupo, também se discutiu as situações vivenciadas como idosos e a possibilidade de construção de novos significados e interpretações sobre o tempo vivido. Cada sujeito traz uma lembrança, que faz do passado, das ruas, da paisagem um espaço comum passível de ser compartilhado. A possibilidade da encenação por sua vez envolveu o grupo em uma expectativa maior e um novo sentido coletivo, promoveu um grupo cada vez mais coeso. – *Ah! não me diz que não podes participar, deixa os netos com seus filhos!* – *Agora vamos fazer isso mesmo, vamos contar a história da nossa querida Foz, vamos contar a nossa história !*

A partir do terceiro encontro, já realizado no espaço de um teatro, que nos foi cedido para os ensaios, e não mais na Freguesia, os elementos da improvisação foram incorporados às histórias que eram contadas. Como nesta fala: - *Hoje encontrei um livro de fotos da Foz do Douro, aqui tem tudo, até a enchente que destruiu boa parte do cais ! – Não, naquela época as mulheres tinham que se portar, não é como hoje em dia, o namoro era uma coisa séria, tinha que apresentar primeiro aos pais ! – Não é como hoje, naquela época é que se respeitavam os mais velhos!*

Assim, alguns aspectos dos costumes locais, das concepções e práticas sociais puderam ser re-significados, permitindo ao grupo avançar em termos de coesão e de participação. Um exemplo de alteridade foi o de uma das participantes do grupo que sugeriu fazer o papel de Amélia, uma cantora Portuguesa na peça, ao que imediatamente foi repreendida pelo marido: – *O que! você vai fazer Amélia, mas não tens o corpo, nem a voz e nem sabes cantar! – Como não sei? Porque não posso fazer? Você é que vai ver. Se posso cozinhar, limpar, lavar e cuidar de tudo da casa a vida inteira... como me diz uma coisa dessas!*

Observa-se que ao falar de si, e de como era ser mulher e em seguida comparar com a tal mulher que em cena queria representar, se evidencia o seu lugar social. O marido em seguida sai atrás da mulher, a lhe implorar que volte para o grupo. O papel de mulher e as vivências de opressão e o enfrentamento das contradições culturais que marcaram sua época são revelados publicamente. Ela então se permite, por exemplo, se considerar como uma Amélia, ou como a Amélia que deveria ser. No próximo encontro, todo o grupo observa a sua transformação, não foi só a escolha do papel, havia pintado os cabelos pela primeira vez na vida, estava maquiada pela primeira vez na vida. Em seguida, o grupo todo apoiou sua decisão, e a possibilidade foi reconsiderada pelo marido, não sem discussões e debates grupais. Apesar da considerada censura inicial do marido, e do menosprezo por sua decisão, o enfrentamento e a tomada de decisão de assumir o papel da cantora são plenamente apoiados pelo grupo.

É preciso explicitar que os encontros se tornaram cada vez mais freqüentes, com o desenvolvimento e interesse crescente pela peça, passando a serem realizados

duas vezes por semana ao longo dos últimos três meses, com muitas revelações e debates. Por exemplo, uma senhora que havia sido durante toda a vida governanta assume o papel de uma senhora inglesa, que significava totalmente o oposto de sua história de vida. Sua memória de infância lhe faz cuidadosa com a construção do personagem e com os costumes, crenças e dialetos da cultura local: – *O que? Como sabes como eram os ingleses? Alguém questionou. Sei, por que minha mãe me criou e eu vivi a vida inteira por debaixo das mesas e os ouvindo falar enquanto comiam. - Você vai fazer o papel da esposa enquanto eu fico com o papel da governanta.*

O improvisado, o palco, as encenações da vida cotidiana da Foz de ontem e de hoje, não ocorreram sem conflitos e sem diferenças de opiniões e concepções sobre quem deveria fazer o que, e, porque determinado papel caberia a um e não a outro. Como a tal cena dos jovens na praia, por exemplo, poderia bem representar um momento no qual segundo os hábitos e costumes locais os jovens de classes diferentes poderiam se conhecer. Cada interpretação passa por uma tarefa prática, o matrimônio de um burguês com uma moça pobre, a natureza do convívio humano retratada no palco.

No entanto, foi preciso dar espaço para a expressão e tempo para que as percepções divergentes fossem acolhidas no grupo. A capacidade de dar continuidade à peça era discutida a cada encontro, no grupo também compartilhavam o sentimento de solidão e vazio existencial. – *Não é nada, só estou triste porque meu filho quer tirar a minha casa, ele vem com aquela conversa de que não posso viver sozinho, desde que a mãe dele morreu. O que o gajo quer é vender a casa, o que se há de fazer?- Eu construí a minha casa! - Isso mesmo não podes deixar que faça isso consigo!*

Com frequência, algum dos membros do grupo falava do abandono de seus filhos e dos problemas vividos no cotidiano com suas questões de saúde e doença. No entanto, a vontade de seguir em frente prevalecia, e o grupo se mostrou cada vez mais solidário para com cada um de seus elementos. A cada encontro as relações se estreitavam permitindo a todos participarem da atividade criadora. – *Olha este chale para a Amélia!- Estou com problemas, não consigo mesmo decorar as falas! – Olha*

que isto não é desculpa para não vires aos ensaios! – Olha que isto aqui esta muito mal de saúde, já estou me tomando por um morto!

Aos poucos a maioria dos participantes foi trazendo sua biografia e construindo significados pessoais diante de um personagem escolhido para representar. A carga diferente de experiências e recordações permitiu escrever o texto. O roteiro também foi coletivo, eram quatro cenas curtas, começando pela cena do pescador e sua esposa e a miséria do ribeirinho, a segunda cena, dos filhos de ricos e pobres, a cena do encontro e do namoro, onde todos escolheram as músicas que lhes despertavam emoções românticas, a cena do conflito com os pais dos namorados e os impedimentos e constrangimentos que vivenciavam para ficarem juntos e, por fim, a união do casal terminando a peça com o hino dos cravos, representando a liberdade. Os elementos cênicos e os figurinos para montar o espetáculo, trouxeram de casa, escolhidos em votação por todos. Logo, a montagem do espetáculo tornou-se obrigatória; como estar em cena, como fazer a peça, um grande desconhecido para o grupo.

O desejo de apresentar ao público a sua nova identidade, com uma roupa de couro ou minissaia e uma peruca de cabelos compridos, com um vestido de Amália e com uma taça de cristal na mão, ou caracterizado como um pobre pescador ribeirinho, tocou a cada um deles, forjando um vínculo e um acordo sobre o futuro. A peça significava um momento cheio de surpresas e situações imprevisível.

Com essa experiência aprende-se que para o psicólogo que trabalha com grupos é fundamental descobrir alternativas para proteger cada um e preservar a produção grupal, assim, o espetáculo deve ser incentivado como uma oportunidade de criação sempre coletiva e nunca singular.

O processo de lembranças e relatos que os idosos trouxeram nos encontros, e a construção conjunta da criação das cenas da peça, remetem a atividade da imaginação criadora. Para Vygotsky (1998), a imaginação acontece por um processo semelhante à gestação, cujo parto dá luz à atividade criadora.

Toda atividade humana que não se limite a reproduzir fatos ou impressões vividas, mas que crie novas imagens pertence a esta segunda função criadora

ou combinadora... É precisamente a atividade criadora do homem que faz dele um ser projetado para o futuro, um ser que contribui ao criar e modifica seu presente. (VYGOTSKY, 1990, p.9).

Também, refletiu-se que o cuidado quanto ao processo de criação da peça teatral deve considerar o compromisso sócio-afetivo com todos os elementos do grupo. A atenção do psicólogo deve priorizar a formação e desenvolvimento do grupo enquanto um processo e produto do coletivo. Dirigir uma adaptação feita pelos próprios elementos do grupo é permitir criar. Nesse trabalho, aprendeu-se que ao desenvolverem um trabalho de expressão livre e significativo, cada um, em seu próprio tempo, conseguiu vivenciar e interpretar diferentes papéis.

Ao improvisarem, cada participante introduziu no grupo uma linguagem sua particular, e no teatro, como a arte representa a vida, a interpretação de papéis abriu para a possibilidade de um distanciamento crítico da realidade e para a expressão de cada. A ação teatral que originou o grupo, propôs códigos e novos significados para as vivências anteriores que foram manifestadas e, assim, memoradas nos papéis improvisados. Ficou evidente a importância da atividade para que as pessoas se recomponham em uma nova base material e objetiva que lhes permite a alteridade e a projeção para o futuro.

A partir da memória de objetos que remeteu a épocas diferentes vivenciou-se uma narrativa onde a história singular (re)conta uma história coletiva. A memória subjetiva e singular remeteu a lembranças coletivas dos participantes do grupo. Esta narrativa singular foi traduzida em uma linguagem comum de um tempo histórico vivenciado por todos e, assim, converteu-se em produção de um texto coletivo. Gerado, o texto de improvisação resultou em uma encenação das memórias e histórias da própria comunidade à qual pertencem.

Os ensaios realizados durante dois meses culminaram na exposição e apresentação pública da peça para a comunidade local. Permitiu unir a narração à representação e encenação do espetáculo nomeado pelo grupo a *Viagem ao Túnel do Tempo*. Espetáculo esse, que ao mesmo tempo contou a história de uma família de pescadores, comunicou as lembranças da memória e história do local, território da

comunidade, vivenciado e compartilhado por todos protagonistas e a platéia. Na história a filha do pescador casa com o burguês, o amor sobrevive às discussões e as tradições, os dilemas de valores sociais entram em jogo, e os conflitos se resolvem pela liberdade de escolha e pela vontade dos amantes.

Justamente no dia da estréia se observou: a ansiedade de um e o imediato acolhimento do outro, a capacidade de relações interpessoais repletas de parceria, amor, compromisso, direitos e deveres reconhecidos. Simultaneamente, a apreensão pela vinda da platéia e pela presença dos outros: dos filhos, amigos, parentes, refletindo a um só tempo o desejo e o medo, a inquietação por trás da cortina. Eles partilharam biografias, compartilharam sentimentos, cada qual seguindo o seu tempo, dependendo do apoio do grupo e da concordância para com a possibilidade de ser outro, que permitisse construir uma nova narrativa de vida associada a arte.

Tais emoções e ambiguidades se desvaneceram quando a cortina abriu e todos estavam lá. O espetáculo, este grande desconhecido, culminou com uma platéia de trezentas pessoas aplaudindo em pé ao final da peça.

Vale frisar que o processo de desenvolvimento do grupo de teatro nominado *Os fozeiros* permanece, superando o tempo em que uma das autoras esteve com o grupo. Superando crises e conflitos individuais, afirmando-se como uma nova realidade cultural local, tornou-se um espaço de expressão constituído por outros condutores, que fazem parte do grupo, orientada para a apresentação e criação de novos olhares, em novas peças teatrais. O grupo tornou-se autônomo e criativo em um processo constante de novas relações estéticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trabalhar com o teatro amador junto com um grupo de idosos em Portugal representou um desafio, e ao mesmo tempo uma possibilidade. Além de resposta a demandas ou a problemas de integração grupal, foi também uma ruptura com práticas sociais convencionais orientados para o atendimento de pessoas idosas.

Concluiu-se que o teatro e a psicologia podem permitir construções de novas relações intersubjetivas entre grupos de idosos, interferindo não só na organização e na ação coletiva, mais nas formas convencionais de institucionalização dos idosos, onde suas vozes não são ouvidas.

O fenômeno do envelhecimento deve apresentar desafios para perspectivas integradoras e intergeracionais. A sensação e percepção do envelhecer e continuar pessoa, permanecer humano, e ter o direito de ser considerado como tal, plenamente humano obriga a ter, em devida conta, os fatores de fragilização associados ao envelhecimento. Sobretudo, quando estão em causa histórias de vida marcadas pela pobreza e/ou pela exclusão social. As pessoas idosas estão entre os grupos humanos mais vulneráveis e carentes de atenção no que se refere ao acesso a condições de habitação condigna, de saúde, de segurança e de cuidados sociais, principalmente pelo aspecto do isolamento em que se encontram.

Através desta experiência prática, no trabalho do psicólogo comunitário com idosos, buscou-se demonstrar a importância do teatro como ferramenta aplicada ao trabalho grupal. O teatro como uma atividade significativa na transformação da realidade de pessoas, determinando uma nova configuração do grupo. O teatro amador como elemento mediador de relações sociais.

Observou-se que a criação do grupo de teatro amador *Os Fozeiros*, permitiu o desenvolvimento de uma autonomia dos sujeitos. A criação do espetáculo construiu novas possibilidades de identidade do idoso, no desempenho de outro papel em relação à comunidade a qual pertence. Papel esse, inseparável de uma concepção integradora de desenvolvimento humano e uma visão positiva sobre a pessoa, necessária para o processo de integração e participação grupal do idoso.

Acredita-se que as técnicas do teatro e as oficinas de improviso podem ser utilizadas como meio facilitador para desenvolver a auto-estima, a qualidade de vida, significando de outra forma um direito à autoria do sujeito, em uma nova história de pessoas ainda por ser contada, rompendo com processos de estigmatização e isolamento social da pessoa idosa.

A relevância de uma discussão sobre a importância da Psicologia Social Comunitária no trabalho com idosos permitiu conhecer e aprofundar a percepção do envelhecimento das populações, do cotidiano estigmatizado do idoso em nossa sociedade, e da necessidade de estudos sobre a dinamização das práticas comunitárias realizadas em instituições para idosos.

O teatro, enquanto uma prática social, focado na produção da peça e na autogestão e desenvolvimento dos grupos, permite outras formas de expressão dos sujeitos. Neste sentido, o teatro surge como uma dinâmica de intervenção de caráter sociocomunitário. A eficácia e a sustentabilidade destas respostas dependem muito da sua articulação com outras dimensões sociais e políticas, e do preparo dos atores sociais e agentes comunitários envolvidos. “Es necesario partir de lo tangible para hacer realidad los sueños. Para ello se debe trabajar con una cuidadosa planificación en la qual los objetivos a alcanzar estén cuidadosamente situados” (Montero, 2010, p.137).

Assim, o trabalho comunitário deve ser planejado como uma construção cotidiana de consciência e de relações sensíveis para atingir as transformações sociais desejadas. O elevado número de pessoas idosas existente representa um bem para a vida comum e uma oportunidade preciosa de aprendizagem de convívio intergeracional, constituindo um dos maiores desafios da atualidade.

O psicólogo social comunitário, na busca de compreender as instituições de acolhimento de idosos, encontra razões para questionar até que ponto tais espaços são realmente lugares de saberes e de práticas sociais, que permitam a participação das populações idosas. É fundamental criar caminhos alternativos e práticas que promovam a transformação de uma visão social negativa sobre os idosos, desenvolvendo uma conscientização pública de que eles têm contribuições a dar à sociedade.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor (2005).

BERGER, Peter L. LUCKMANN, Thomas. A sociedade como realidade in **A construção social da realidade tratado de sociologia do conhecimento**. Petrópolis: Editora Vozes, 1973.

BOURDIEU, Pierre. **Outline of a teoriy of practice**. Cambridge: Cambridge University Press (1977).

CAMPOS, Regina Helena de Farias. (Org.) **Psicologia Social Comunitária: da solidariedade à autonomia**. Petrópolis: Editora Vozes, 15. edição. (2009).

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Edições Loyola. (2005).

MONTERO, Maritza. **Teoria y práctica de La psicología comunitária**. Buenos Aires: Paidós Tramas Sociales. .(2010).

MOREIRA, Virgínia and NOGUEIRA, Fernanda Nícia Nunes. Do indesejável ao inevitável: a experiência vivida do estigma de envelhecer na contemporaneidade. **Psicol. USP** [online]. 2008, vol.19, n.1, pp. 59-79. ISSN 0103-6564.

NASCIUTTI, Jacyara Rochel. A instituição como via de acesso à comunidade. in CAMPOS, R.H. de F. (Org.) **Psicologia Social Comunitária: da solidariedade à autonomia**. Petrópolis: Editora Vozes, 15.edição. (2009).

PINO, Angel Sirgado. **O social e o cultural na obra de Vigotski**. Educação e Sociedade v. 21; n. 71; Campinas. . (2000)

SAWAIA, Bader Barilan. Comunidade: A apropriação de um conceito tão antigo quanto a humanidade. in CAMPOS, R.H. de F. (Org.) (2009). **Psicologia Social Comunitária: da solidariedade à autonomia**. Petrópolis: Editora Vozes, 15.edição. (2009)

VYGOTSKY, Lev Semienovich . **Psicologia da arte**. São Paulo: Martins Fontes (1998)

_____ **La Imaginación y el Arte en la Infancia**. Madrid: Lo Bolsilo. (1990)

ZANELLA, Andrea Vieira et al. Relações estéticas, atividade criadora e constituição do sujeito: algumas reflexões sobre a formação de professores(as). **Cad. psicopedag.** [online]. 2006, vol.6, n.10

Recebido em: 08 de maio de 2014

Aprovado em: 05 de junho de 2014